



VIDA PAROQUIAL

Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Composição e Impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

NATAL

O tempo arrefeceu, aparecendo os campos cobertos de geada, esbranquiçados pela neve que começou a cair. As noites geladas convidam ao fogo quente e acolhedor das lareiras. As avós contam aos netos os velhos contos de fadas e de visões, a família une-se e o calor do lar parece fazer esquecer o frio que lá fora fustiga os raros transeuntes.

É véspera de Natal. A noite caiu há muito e com ela as sombras densas cobriram a terra quase adormecida em silêncio e paz. O frio é mais cortante e penetra até aos ossos. Reune-se a família para a consoada, num repasto são e reconfortante. Uma chuva leve mas enfadonha, gélida e capaz de ensopar toda a roupa, começou a cair. Tudo recolhe a casa em passos apressados.

*

Foi numa noite assim fria — já lá vão vinte séculos — que, numa gruta sem adornos, na cidade de Belém, nasceu, pobre e humilde, o Deus dos homens, Jesus, o Salvador.

É por isso que ainda hoje as famílias se reúnem para memorar aquele faustoso acontecimento. O presépio é de facto uma lição viva para cada homem e cada família. Sem humildade, sem o amor à pobreza própria e dos outros, não pode o homem ou a família viver em paz e harmonia. No presépio há serenidade, há amor. É um Deus que se faz homem para salvar os homens por amor. Sem amor não pode o homem viver tranquilo, pois o ódio traz o desassocego, a inconstância, o desequilíbrio.

Lição magnífica devia o homem transplantá-la para a sua vida, destruir os ódios, esmagar as vinganças, viver em harmonia com os outros, procurar em tudo manter a paz e a união.

Cristo no Presépio é o irmão, o amigo, que nos afirma que somos todos irmãos e amigos, que nos enquadra na mesma família, que nos ensina a confiar e a amar.

Saibamos tirar dele essa lição, saibamos usá-la na nossa vida e todos dirão: Como o mundo é diferente, como todos se amam irmãmente.

OBSERVANDO E MEDITANDO

III

O sol poente coava-se através das vidraças embaciadas das janelas, beijando, num terno afago, a cabecita tenra e sonhadora da criança. Nascera pobre, sem rumo; a mãe, saudosa e querida nem sequer a conhecera. Que fazer na vida assim sem arrimo, sem amparo?

Sofre porque ninguém a acarinha, porque só aquele sol já quase frio lhe faz rosadas as faces. Que dor, que tristeza, que amargura!

Quadro sem dúvida de arripiar. Pelo mundo fora este lúgubre retrato surge a todo o passo, e cada vez com mais amplitude.

São lares sem pão, crianças a tiritar de frio, pobres que assim se tornaram e outros que já assim nasceram. Pobres de pobres são pobrezinhos, almas sem lares, aves sem ninhos como diz Guerra Junqueiro.

E a criança pensa que tantos podiam dar e mitigar a sua fome e o triste pesar de sua alma, mas que endurecem e que repelem o que sofre.

É Natal. Há alegria nos lares em festa e só naquela alma não há festa nem alegria.

Mas Jesus, o Deus Menino, virá um dia — Ele, o amigo dos pobres — chamá-la para junto de si.

Quem dá aos pobres empresta a Deus. Dai e recebereis um tesouro que não se corromperá, uma coroa que não há-de murchar. E a luz voltou e a criança sentiu a alegria na alma.

F. S.

CATECISMO HISTÓRIA



"... Ardens et
lucens." (S. João)



X LIÇÃO

O Mistério da Incarnação

(Continuação)

II — A Santíssima Virgem Maria

Nazaré era uma pequena cidade que contava quase 3.000 habitantes. Situada numa elevação, viam-se de longe as casas brancas que se divisavam nos altos da colina. Do ponto mais elevado distinguiu-se a rica planície de Galileia, com as variadas flores, os seus vinhedos e as suas sombras.

Numa das mais modestas casas, uma jovem, chamada Maria, descendente da família real de David, estava a rezar. De repente, o anjo Gabriel apareceu-lhe e disse-lhe: «Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.»

Como a Virgem ficasse perturbada o anjo ajuntou: «Não temais, encontrastes graça diante do Senhor e eis que sereis a mãe dum Filho que será chamado Jesus. Ele será grande, chamá-lo-ão Filho do Altíssimo e o Senhor lhe dará o trono de David. O seu reino nunca mais terá fim.» Maria respondeu: «Como poderá isso ser?». O anjo replicou: «O Espírito Santo descerá sobre vós e a virtude do Altíssimo vos cobrirá com o seu poder; e por isso o vosso filho será chamado Filho de Deus.»

Maria, inclinando-se, aceitou ser mãe do Filho de Deus, dizendo: «Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra.»

Ora Maria desposava um homem justo: o carpinteiro José, que, por seu lado, aceitou o encargo de esposo da Virgem e o ser o pai adoptivo de Jesus.

LIÇÃO

1.º — Quem anunciou à S. Virgem que ela seria a Mãe de Jesus Cristo?

— Foi o anjo S. Gabriel e a Igreja recorda-nos esse facto no dia 25 de Março, festa da Anunciação.

2.º — A S. Virgem deve ser chamada Mãe de Deus?

— Sim, porque é a Mãe dum Filho que é Deus.

3.º — A S. Virgem é também Mãe?

— Sim, porque, na Cruz, Jesus disse por nós a S. João: «Eis aí vossa Mãe.»

4.º — Quem era S. José?

— Era o esposo de Nossa Senhora, o pai adoptivo de Jesus e o chefe da S. Família.

*

Para a minha vida — Quando derem Trindades lembrar-me-ei da Anunciação do Anjo e rezarei o Angelus ou ao menos 3 Ave-Marias e três Glórias.

Oração — Avé-Maria...

*

Liturgia — 1.º Há numerosas festas em honra da Santíssima Virgem. A mais solene é a Assunção que se celebra no dia 15 de Agosto. Esta festa, recorda que Maria ressuscitou e foi levada ao céu em corpo e alma.

É Dia Santo de Guarda e Feriado Nacional. As vestes sagradas são de cor branca.

2.º No dia 19 de Março a Igreja celebra a Festa de S. José, padroeiro dos operários e da Igreja.

Vocação de Moisés

Quando Moisés chegou à idade de quarenta anos e viu a miséria de seus irmãos, os Israelitas, antes quis padecer com eles aflição, que gozar de todos os tesouros e alegrias do Egito. E porque ele tomou enérgicamente a defesa de seus irmãos oprimidos, por isso quis Faraó mandá-lo matar. Moisés, porém, fugiu para o país de Madian, onde, por quarenta anos, pastoreou gado do sacerdote Jetro. Um dia que ele viera com o rebanho à montanha de Horeb, apareceu-lhe Deus na chama que saía do meio de uma sarça, a qual ardia, mas não se consumia. Moisés, estupefacto, diz: — «Vou avisinhar-me para observar esta grande maravilha». Mas como ele se movesse para ir ver, Deus deteve-o, dizendo: — «Não te aproximes, Moisés! tira primeiro tuas sandálias, pois a terra que pisas é santa. Eu sou o Deus de teus pais». Moisés, cheio de reverência, cobre o rosto com as mãos, e o Senhor continua assim: — «Eu vi a aflição do meu povo que está no Egito, e quero livrá-lo. Vou mandar-te a Faraó, para que faças sair do Egito os filhos de Israel, e os leves a uma terra boa, espaçosa, onde corre leite e mel». Respondeu Moisés: — «Quem sou eu para ir ao Faraó e fazer sair os Israelitas? eles não me crerão quando eu disser: O Senhor me apareceu». — «Eu serei contigo», disse Deus. — «Mas, Senhor, replicou Moisés, eu eloquência não tenho, e sou tartamudo». E o Senhor respondeu: — «Pois falará por ti ao povo o teu irmão Aarão, que é eloquente, e na sua boca porás as palavras que eu te disser». Voltou Moisés para o Egito, e Aarão veio encontrá-lo, e Moisés lhe referiu todas as palavras do Senhor; depois do que, juntaram o povo de Israel, e Aarão repetiu ao povo todas as palavras que o Senhor dissera a Moisés. Este fez milagres diante do povo, o qual acreditou e adorou a Deus.

VIDA DA PARÓQUIA

Festa do S. Coração de Jesus

Não temos palavras para descrever a maneira como decorreram as festividades em honra do S. Coração de Jesus. Só temos de confessar que a Semana de 26 de Outubro a 2 de Novembro foi com certeza uma chuva de graças para a nossa freguesia. A palavra quente, fervorosa, simples mas elevada e banhada em santo entusiasmo, do Sr. P.^o José Felício, atraiu, moveu, cativou as almas e a nossa ampla Igreja quase foi pequena para reunir todas as pessoas.

Noites lindas de luar, emprestaram colorido e ocasionaram a facilidade da vinda de pessoas mesmo de longe.

A reunião dos homens na sexta-feira, após a devoção, foi cheia de entusiasmo e a ela concorreram homens em massa que no fim saíram da Igreja cantando com entusiasmo o «Queremos Deus»; e a reunião

das mulheres no sábado de tarde não desmereceu da dos homens.

Que Deus permita que tudo tenha sido de proveito para as almas.

As comunhões foram para além das 3.200 e algumas ninguém o deve ignorar foram para muitos a repetição da 1.^a Comunhão, visto que já há muitos anos se não abeiravam da S. Mesa.

Uma interessante sessão de cinema sobre as Missões veio lançar nas almas o amor missionário, que vai ser activado pela L. I. A. M. — Liga Intensificadora da Acção Missionária — fundada nesta festa pelo Sr. P.^o Felício e que conta com um dedicado grupo de Senhoras e Meninas, com ramificações pelos lugares da freguesia.

No dia da Festa revestiu-se de cor e frescura o cortejo das Fogasas, que de todos os lugares, saíram do Convento em Procissão até à Igreja Paroquial.

As crianças da Cruzada Eucarística receberam solenemente os

emblemas e hábitos e fizeram a sua consagração ao S. Coração de Jesus.

Tudo decorreu na melhor ordem e estou convencido que a Festa há-de marcar em todas as almas um rumo novo de vida cristã.

Não podemos deixar de agradecer a todos, não esquecendo as pessoas que mais dedicadamente trabalharam, e em especial ao Grupo Coral pelo seu esforço e dedicação.

Que o S. Coração de Jesus abençoe a todos, e de modo especial os que contribuíram com os seus donativos para as festividades.

+

Festa das Almas

Esta tradicional festa, de lembrança e oração pelas almas do Purgatório decorreu com todo o respeito e silêncio. O Grupo Coral Masculino está de parabéns pela execução dos responsórios e Missa de Requiem. A procissão ao cemitério foi um acto de plena saudade e que manifesta o respeito dos figueiroenses pela vida do Além.

(Continua na 4.^a página)

— 32 —

todavia, nunca se deixou dominar pela vaidade.

Temia sempre os perigos e, longe de fazer ostentação da sua beleza, disfarçava-a quanto podia, ocultando um pouco as faces com o lenço.

A Mãe dava-lhe também os melhores exemplos, e amiudadas vezes, fazia-lhe reflexões, com o intuito de a arredar das ocasiões perigosas, especialmente das companheiras pouco sérias. E a Bemaventurada sempre escutava com atenção estas maternais reflexões.

Quando ia à Igreja, ao campo ou à feira, queria ir sempre acompanhada de pessoas bem comportadas e piedosas; preferindo a todas, a madrinha de sua irmã Terezinha, de quem foi sempre querida e estimada como se fosse sua filha.

Mariazinha era séria, muito recatada, envergonhada e de poucas falas; parecia mesmo uma pessoa adulta.

Na face angelical, transparecia a bondade e a beleza da sua alma. Assim o afirma uma testemunha que a conhecia bem a fundo.

— 29 —

e dolorosa por ver as outras crianças rodeadas pelos pais.

Quando regressou a casa, tendo ainda na alma as divinas impressões do ósculo de Jesus, a Quem dissera certamente todo o seu amor de criança e de Quem recebeu carícias, as carícias que Jesus dispensou sempre aos pequeninos, abraçou-se à mãezinha e disse-lhe uma grande palavra, uma daquelas palavras que Jesus inspira a Quem O recebe com as devidas condições, palavras-programa fruto das Comunhões: «Mãezinha, oh minha mãezinha, serei sempre e cada vez melhor!»

A pequenina Maria fez com esta linguagem simples, a mais bela apologia da sua primeira Comunhão!

FRUTOS DA PRIMEIRA COMUNHÃO

A Mariazinha, em prova de agradecimento ao seu Jesus, tornou-se desde então, ainda mais séria, mais ajuizada, mais obbediente e amante da casa e do trabalho.

O seu próprio assasizno, hoje felizmente

VIDA DA PARÓQUIA

(Continuado da 3.^a página)

O cemitério cuidado a primor, flores, velas e lágrimas sobre as campas, foi campo de orações, ardentes preces ao Senhor pelas almas dos entes queridos que dormem o sono da morte. Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno.

ção cotisar-se para o tratarem. Que Deus os proteja e a Caixa dos Pobres espera a caridade dos que podem para os que precisam. Lançai as vossas esmolas na Caixa.

÷

«Vida Paroquial»

Pobres

Mais um caso lancinante de miséria. Uma pobre mãe — de 39 anos — que morre de parto e deixa oito crianças. Viviam na maior miséria. A cama eram folhas secas de árvores e a cabana que habitam está a cair. Felizmente que a gente de bem ainda se não acabou em Figueiró.

Falámos no caso à Missa do dia 9 de Novembro e logo uma senhora ficou com uma pequena de 4 anos; choveram donativos de todo o género e o pequenito — o Manuel — de poucos dias está a ser cuidado, indo algumas pessoas de bom cora-

Pagaram as suas assinaturas: João Carvalho e Osório da Silva, 20\$00; Manuel Carvalho, 15\$00; Manuel da Silva, D. Custódia Inglez, José Rodrigues da Silva, José Napoleão, Manuel Simões Fidalgo, António da Silva Neto, Manuel Gaspar, João Godinho Rocha, José Pedro dos Santos, Sebastião Trancoso, Martin Luís Garcia, Higino Mesquita, 10\$00; António José dos Santos, 8\$00; Manuel de Oliveira Canário, 7\$00; Beatriz da Conceição, José Mendes Medeiros, D. Conceição Soares Henriques, 6\$00; Luís de Oliveira e Manuel Pires Teixeira, 5\$00.

As maravilhas da Natureza

A Terra gira em volta do Sol com uma rapidez de trinta quilómetros por segundo.

Os astros giram em torno do seu próprio eixo e em torno uns dos outros numa espécie de turbilhão admirável e encantador. Todo este movimento vertiginoso só é possível pela solução de problemas matemáticos tais, que o espírito humano não ousa sequer tentar resolvê-los. O mais exímio dos matemáticos não saberia calcular o curso de três corpos girando em torno uns dos outros. São aos milhões os astros que giram em várias direcções com uma velocidade inconcebível.

Quem é o piloto? Quem é o comandante? Quem é que nos dirige? Quem pôde resolver estes espantosos problemas dinâmicos? Quem executou estes cálculos diferenciais?

O grande astrónomo inglês Herschel escreveu: «estas dificuldades só têm solução na presença de um Espírito infinitamente sábio».

(Do livro «Beleza Ignorada»)

— 30 —

arrependido, venerou-a sempre como anjo em carne humana.

Maria era feliz porque era toda de Jesus.

A Bemaventurada pensava que, depois da Primeira Comunhão, não se deviam fazer mais pecados. Fora o seu propósito desse dia, tanto mais que o Sacerdote que lhe dera Jesus, tinha pedido aos comungantes que guardassem a candura do seu coração com todo o esforço. Por isso, qual seria a sua admiração e o seu horror, quando viu fazer o contrário!...

Indo, em certa ocasião, buscar água à fonte, encontrou uma companheira da Primeira Comunhão que estava conversando maliciosamente com um jovem libertino: Maria voltou a casa horrorizada e disse à mãe, à mãe que a iniciara nesse combate para manter a sua pureza de pomba:

— Ó mãezinha, que conversa tão feia eu ouvi na fonte!

— Acautela-te, minha filha, e não faças tu nunca coisa semelhante, para que os outros não se horrorizem de ti.

— Não tenha medo, minha mãe, — retorquiu a angelical menina, — pois antes de eu dizer

— 31 —

uma só daquelas palavras, deixar-me-ei... (e cortou a frase, que seria completada por matar ou fazer em pedaços), como o disse bem cedo o punhal)... Disse-o sempre o seu horror e fuga dos perigos para salvaguardar a candura da sua alma. Era o fruto da recomendação materna que aos seus filhos mandava rezar duas vezes no dia «três Ave Marias» para vencer as tentações e que não se cansava de repetir-lhes que «o pecado não o devemos cometer nunca... à custa de qualquer sacrifício».

E essa mãe venturosa pôde afirmar da sua Mariazinha:

— «Sempre que a mandava fora, especialmente a fazer as compras a Conca, punha-me propositadamente a olhar do mirante da casa para ver se Maria parava na estrada a falar com alguma rapariga da sua idade, ou com as da vizinhança, mas nunca se deu o caso de a surpreender a falar com alguém».

Maria andava na presença de Deus e por isso, era supérflua a presença da mãe, para cumprir o seu dever.

A Bemaventurada era uma menina formosa e elegante; o seu rosto parecia o de um Anjo;